



DISCURSOS PROFUNDOS, OPINIÕES SUPERFICIAIS

Nos dias atuais, temos milhares de informações à nossa disposição. Com alguma habilidade e poucos cliques, é fácil ter acesso a fatos e dados consistentes, o que pode nos dar uma boa noção de diversas questões complexas. Contudo, muitos não se valem dessa benesse do mundo contemporâneo e se pautam apenas em manchetes, narrativas verossímeis, textos hipercurtos e opiniões balizadas por personalidades em alta na mídia.

Hoje, vê-se valorizado quem “fala o que pensa”, ou melhor, quem “fala o que se pensa”. É um fenômeno crescente em diferentes sociedades, nas quais líderes – que muitas vezes se identificam mais com os propósitos da elite – utilizam um imaginário comum para ganhar “aura de povo” e sensibilizar eleitores. É como se o senso comum, caótico, precisasse de alguém para organizá-lo e reafirmá-lo.

Nesse cenário, a retórica reforça o seu papel. Como certa vez escreveu John Van Maanen, professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), “por mais que queiramos que o fato bruto e a lógica fria sustentem nossas posições e nos permitam seguir em frente, não há escapatória da retórica”, pois ela atribui sentido aos acontecimentos. Karl Weick, outro teórico da gestão, afirma que as pessoas acreditam em ideários antes mesmo de ter evidências.

Assim, por vezes, o autor do discurso sabe que a verdade pode ser “inventada” e ajuda a construir a forma como os indivíduos veem e interagem com o mundo. Quanto mais retórico ele for, mais dará vida ao que fala.

Rejeitem-se discursos chatos e rigorosos sobre os problemas das pessoas, toque-lhes o coração. Parece poético, mas a recusa do pensamento complexo em

favor de algo que se possa sentir é temerária, porque deixa os cidadãos vulneráveis e fortalece o espetáculo político em busca de poder.

Por isso, é preciso propor contrapontos ao debate mistificado e aos discursos enganosos. Os poucos que alcançam a arena pública muitas vezes se tornam repetidores do senso comum e reprodutores do que os veículos pensam que seu público quer ouvir. Isso quando não se contradizem em suas próprias falas, restando à população filtrar as informações que puder.

**É PRECISO PROPOR
CONTRAPONTO AO
DEBATE MISTIFICADO
E AOS DISCURSOS
ENGANOSOS. MUITOS
QUE ALCANÇAM A
ARENA PÚBLICA
APENAS REPETEM O
SENSO COMUM E O
QUE A MÍDIA PRODUZ.**

No entanto, o pensamento das pessoas não é apenas fruto dos delírios discursivos de líderes e do conteúdo divulgado pela mídia; ele também é construído a partir de suas vivências e reflexões. Dessa forma, é importante tentar entender por que muitos se fecham em suas dificuldades, imaginando que ninguém é capaz de propor soluções aos seus problemas. Talvez a situação se agrave pelo fato de alguns teóricos olharem apenas para seus consensos e modelos sofisticados, e não enxergarem aqueles deixados de fora. Sem falar nos líderes demagógicos, que se juntam a elites políticas e econômicas e não se interessam pela realidade das “pessoas comuns”.

Nesse contexto, alguns esperam que a verdade apareça em meio à escuridão a partir de caminhos desenhados por indivíduos capacitados e dotados de conhecimento. Outros se aproveitam da insatisfação coletiva e de seus efeitos. Enquanto isso, a “pessoa comum”, essa figura abstrata e fictícia, aponta silenciosamente para a necessidade de mudança. Sendo assim, é sempre bom reafirmar a lição da história: o futuro não é necessariamente uma versão melhor do passado ou do presente.